

“VOCÊ É O QUE VOCÊ COME?”

O SOBREPESO E OS SIGNIFICADOS DO ATO DE COMER

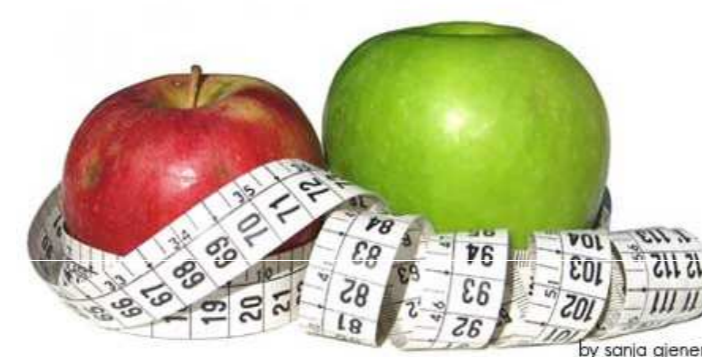


Bolsista: Loterio, Guaraciara R. Orientadora: Profa. Debert, Guita Grin.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Unicamp). PIBIC- CNPq.

Palavras-Chave: **Representação – Corpo – Peso**



INTRODUÇÃO E METODOLOGIA



Desde o seu surgimento, em meados do século XIX, a Antropologia se preocupa, entre outras coisas, em compreender a maneira pela qual a cultura – por meio de suas instituições – molda o corpo e constitui indivíduos. Este processo foi estudado tendo como pano de fundo a cultura do consumidor, especialmente o modo pela qual é definida por Featherstone (1992). Presenciamos, atualmente, uma tendência ambígua que, por um lado, visa “*libertar o corpo*” (em contraposição à negação do mesmo em décadas anteriores), e, por outro, o reprime e o adequa a uma espécie de “*rigidez postural*”, cuja evidência remete ao conjunto de imagens que orientam a percepção da imagem corporal. A cultura de consumo, disciplinante na criação de necessidades e desejos, possibilita um grande número de opções para os que desejam adular e modelar seus corpos. Disciplinar o corpo por meio de práticas como dietas e ginástica é uma forma de regular os desejos por rotinas voltadas à subordinação de instintos e paixões internas. Como exemplo disto, Foucault (1988) demonstrou que o controle social se dá através do controle da sexualidade e do corpo nas sociedades modernas. Estas, aprisionando os corpos desviados e desocupados, os transformam em dóceis e proveitosos. De acordo com Foucault, a época moderna, por meio de um regime de vigilância, consagra os corpos disciplinados. No entanto, pensar o corpo como subjugado por mecanismos de controle social implica certa ambigüidade entre disciplina e prazer.

A busca de apreensão dos *estilos de vida* dos indivíduos freqüentadores dos grupos de reeducação alimentar estudados neste trabalho apontou para os significados simbólicos, cada vez mais diversos, atrelados ao sobrepeso e à prática cultural de *culto ao corpo*, a qual sustenta todo um discurso ideológico sobre corporeidade. Lidamos com classes médias e suas variantes – médio-alta e médio-baixa – o que tornou evidente, no decorrer dessa pesquisa, que a classe é um elemento definidor do capital cultural dos indivíduos, influenciando seu consumo cultural de bens simbólicos. Assim, uma reflexão sobre o consumo cultural, abrangendo questões sobre gênero, se tornou imprescindível para a análise do universo estudado.

Compreender as problemáticas vinculadas ao sobrepeso (trazidas pelos indivíduos aos grupos de reeducação alimentar Equilíbrio do Peso, de Rio Claro e Educação Nutricional, vinculado ao CECOM, UNICAMP) e analisar a resignificação do corpo gordo, ocorrida dentro desses grupos, foi o objetivo desta pesquisa. Através da mudança de hábitos alimentares e de discursos que constantemente se referem à saúde e ao bem-estar, os grupos de reeducação alimentar alteram a maneira dos integrantes verem e vivenciarem seus corpos. O emagrecimento surge, desta forma, como consequência da alteração simbólica das figuras referentes ao excesso de peso e da compreensão de novos hábitos alimentares, e a adequação a eles. Expondo e questionando as representações vigentes sobre o corpo – trabalhadas por autores como Featherstone(1992); Counihan (1999); Sant’Anna (2001) – , comparo-as às representações sobre o mesmo trabalhadas dentro destes grupos (por palestras, cardápios e pela troca de experiências entre os indivíduos). Deste modo, conhecer as representações sociais sobre o comer e o significado atribuído à alimentação e à perda de peso por indivíduos com sobrepeso se tornou importante no decorrer desta pesquisa. Pensar a comida e a maneira como os indivíduos se relacionam com esta complementou a análise das observações e situações vivenciadas dentro dos grupos de reeducação alimentar.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO



De acordo com Albuquerque (2001), a valorização do corpo “*não surgiu do vácuo: os movimentos sociais dos anos 60, como o feminismo, os movimentos pela igualdade racial e a contracultura criaram um contexto para novas representações do corpo*” (2001:34). No entanto, estes movimentos possibilitaram um novo aprisionamento do corpo atrelado ao culto da “boa forma” física. Aliadas ao mercado de “culto ao corpo” vemos crenças científicas que desatrelam os fatores emocionais relacionados à alimentação e fazem com que os indivíduos com sobrepeso e obesidade sejam vistos pela sociedade como “descontrolados”, “insensatos” e “com mau funcionamento mental”. Nesse sentido, Anderson (2005) nos faz pensar sobre nossa ligação emocional com a alimentação. Não é à toa, segundo ele, que negócios são fechados durante almoços, e jantares são dados para se comemorar conquistas. Também não é por acaso, diz-nos Brunch (1997), que muitas pessoas descontam suas frustrações nos alimentos. A sensação reconfortante de ter o estômago cheio parece nos livrar do vazio interno proporcionado por nossos problemas.

Em contrapartida ao apelo social e comercial de culto ao corpo, pelo qual, segundo Goldenberg e Ramos (2002), “*o corpo virou o mais belo objeto de consumo e a publicidade, que antes só chamava a atenção para um produto exaltando suas vantagens, hoje em dia serve, principalmente, para produzir o consumo como estilo de vida (...)*” (2002: 32), o peso social da obesidade, como explicita Felipe (2003), vêm crescendo rapidamente. Segundo a autora, ouvir indivíduos que apresentam obesidade e sobrepeso é “*abrir uma escuta ao que está sendo dito e sentido, para possibilitar a ruptura de uma situação dada, que pode ser transformada na medida em que é discutida, socializada e polemizada*” (2003: 2). É justamente da troca de experiências que nasce uma nova maneira dos indivíduos encararem seus corpos (“resignificação do corpo gordo”) e sua alimentação. É também desta maneira que os grupos de reeducação alimentar se popularizam, podendo assim atingir suas metas e expectativas.

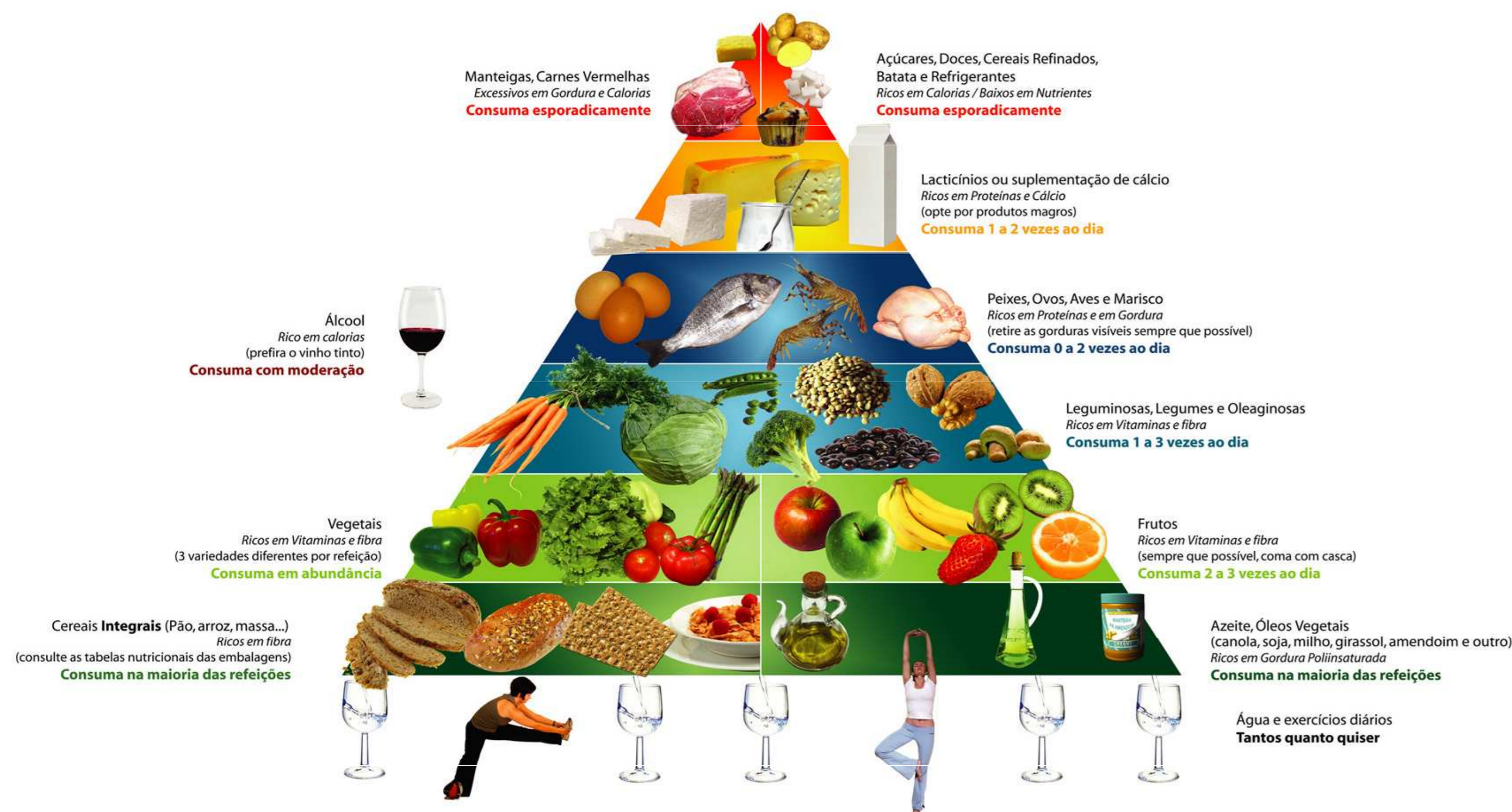


Grupo Equilíbrio do Peso, Rio Claro.



Grupo Educação Nutricional, CECOM, UNICAMP.

NOVA PIRÂMIDE ALIMENTAR o novo conceito de alimentação saudável (Walter C. Willett)



BIBLIOGRAFIA:

- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. *As Invenções do Corpo: Modernidade e Contramodernidade*. In: Motriz. Jan. - Jun. 2001, v. 7, n.1, pp 33-39.
- ANDERSON, Eugene N. *Everyone Eats – Understanding Food and Culture*. Nova York e Londres: New York University Press, 2005.
- BRUNCH, Hilde. *Body Image and Self-Awareness*. In: COUNIHAN, Carole & ESTERIK, Penny Van (org.). *Food and Culture, a Reader*. Nova York e Londres: Routledge, 1997.
- COUNIHAN, Carole. *The Anthropology of Food and Body – Gender, Meaning and Power*. Nova York e Londres: Routledge, 1999.
- FEATHERSTONE, M. "The Body in Consumer Culture," In: M. Featherstone et al. (Eds.) *The Body – Social Process and Cultural Theory*. London: Sage, 1992.
- FELIPPE, Flávia Maria. *O Peso Social da Obesidade*. In: Revista Virtual Textos & Contextos, n.2, dez. de 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. São Paulo: Graal, 1988.
- GOLDENBERG, Mirian & RAMOS, Marcelo Silva. *A Civilização das Formas: O corpo como valor*. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido – Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SANT’ANNA, Denise de Bernuzzi de. *Corpo sem Limites e Totalitarismo Fotogênico*. In: *Corpos de Passagem: Ensaios sobre a Subjetividade Contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.